

# ARCHIVO LITTERARIO

JORNAL FAMILIAR, VARIADO, CRITICO E RECREATIVO.

## ASSIGNATURAS : CÓRTE.

ANNO . . . . .	8\$000
SEMESTRE . . . . .	4\$000
TRIMESTRE . . . . .	2\$500

## PROPRIETARIOS

ANTONIO ARNALDO NOGUEIRA MOLARINHO  
ANTONIO JOSE CARNEIRO GUMARÃES

## ASSIGNATURAS : PROVINCIAS.

ANNO . . . . .	9\$000
SEMESTRE . . . . .	5\$000
TRIMESTRE . . . . .	3\$000

**As assinaturas são pagas adiantadas. Avulso 200 rs.**

Publica-se todos os domingos. Recebem-se assinaturas nesta typographia — RUA DOS LATOZIROS N. 34 — e no escriptorio da Bedaeção, rua da Lampadoza n. 52. Recebe todo e qualquer artigo litterario para ser publicado, uma vez approvado pela redacção.

## ARCHIVO LITTERARIO

### Damião de Góes.

Damião de Góes teve por pais a Buy Dias de Góes, Izabel Limi, ambos igualmente nobres, elle descendente de Antão de Estrada, fidalgo asturiano, e ella de Nicolao de Limi, a quem pela sua reconhecida capacidade commetteu D. Izabel, filha de D. João 1.º, e esposa de Filipe o Bom, duque de Borgonha, graves negócios que veio tratar a Portugal. Nasceu Damião de Góes na villa de Alemquer em 1501. Desde a tenra idade de nove annos assistiu no palacio d'el-rei D. Manoel, de quem foi camareiro e guarda-roupa.

Certificado el-rei D. João 3.º da summa capacidade e talentos de que era ornado Damião de Góes, o nomeou seu ministro para tratar negócios importantes com os reis Segismundo de Polonia, Frederico de Dimarca e Gustavo de Snelia, os quaes elle concluiu com igual gloria do seu soberano, como immortal credito do seu talento. A suavidade de genio, perspicacia de juizo, eloquencia de frase, o fez querido dos mais illustres monarchas da Europa, assim como lhe grangeou a amizade dos maiores sabios do seu seculo. Depois de ter feito um largo circulo por toda a Europa, se transportou a Flandres, onde elegeo por domicilio a cidade de Lovaina, e alli a rogos do seu amigo André de Rezende se entregou ao trabalho da publicação das obras que tinha escripto. Sendo porém, esta cidade cer-

cada em o anno de 1542, pelo general Rossen, que commandava vinte e cinco mil franceses, foi tal a consternação de seus habitantes, que a maior parte delles desampararia as suas casas. Conhecendo porém, o senado os brios e espírito que animava Damião de Góes, o elegerão capitão, e por seus adjuntos a Conrado, conde de Venemburgo, Filipe de Dorlay, Bailio de Brabante e Jorge de Royn, senhor de Emery, o qual julgando a empreza difficultosa, não quis tomar parte nella. Com um esquadrão de estudantes, que capitaneava Damião de Góes, determinou oppôr resistencia aos intentos do inimigo, que exigia duzentas mil cordas de ouro, e toda a artilharia e polvora que houvesse na cidade, pelo resgate do saque que ameaçara entregar-la. Estas propositas havião quasi sido aceitas clandestinamente pelos sitiados, e Góes que o ignorava sahio ao campo, com o governador da cidade, Adrião Blehem, a fim de conferenciar com o general frances, que tinha assignado o breve espaço de uma hora para a final resolução dos sitiados. Blehem, voltou à cidade com a resposta, em quanto Góes ficou no campo frances, quando, sem ninguem o esperar, souou um grande estrondo de artilharia, disparadas dos muros, de que se seguiu consternação no exercito frances sitiador; e interpretando a seu general Longeval ser infracção das tregos em que estava, voltou a sua colera contra Damião de Góes, mandando-o preso para Vermandois, capital da Picardia, onde depois de padecer graves molestias, se resgatou da prisão por dous mil ducados de ouro.

Em o anno de 1538 se desposou Damião de Góes na Haya, com Joanna de Hargen filha de André de Argen, conselheiro do imperador Carlos 5º, e, descendentes dos condes de Aremberg, Herue e Monfort. Teve diversos filhos deste consorcio entre estes André de Góes e Frutuoso de Góes, ambos mortos na infeliz batalha de Alcaçer; e Manoel de Góes, illustre monge de Cister, conhecido pelo nome de Frei Philippe de Sion.

(Continua.)

## LITTERATURA

### Gastão e Isabel.

O mancebo, que sabia muito bem que sua intriga amorosa com uma menina da gerarchia de D. Isabel, não poderia ficar por muito tempo em segredo, tinha formado o projecto de empregar toda a sua eloquencia para a decidir a fugir com elle, assim de se casarem: um padre já estava prevenido, uma carroagem prompta, e os dous esposos devião partir para França. Com estas idéas elle se dirigio á hora indicada a casa de D. Gusmão, e achou a porta aberta como lhe tinha anunciado Isabel. Mas, em lugar de encontrar a descendente criada, encontrou quatro homens forçosos, que o agarráram, e amarráram, mettendo-lhe uma mordaça na boca para abafar seus gritos: uma carroagem puxada a quatro possantes mulas, o conduziu para fóra de Saragoça a todo o galope. Depois de ter corrido pelo espaço



2. 123  
52

de tres horas, parou a carroagem a porta de um castello cercado de fossos, no qual só se entrava por uma ponte levadiça. D. Gastão, foi mettido n'um calabouço; e Pedrillo, que tinha presidido, essa execução, trouxe-lhe d'ahi a pouco um pão negro, e uma bilha d'água desatou-o então, e tirou-lhe a mordaça. Logo que D. Gastão pôde fallar, lhe disse :

— « Amigo eu te conheço ; sei que fostes educado em casa de D. Gusmão, e por isso não te posso considerar como um servo, mas, sim como um mancebo, que brevemente deve servir nos exercitos de el-rei. Não ignoras, Pedrillo, que o meu nascimento me assegura um posto distinto, e que eu te posso ser útil. Não pretendendo corromper a fidelidade que deves ao pai de Isabel, mesmo quando se trata de uma aggressão injusta ; mas enquanto D. Gusmão tratava severa e injustamente sua filha, sempre te vi para ella submissa e respeitosa. Sabes quanto amo D. Isabel, e por amor della e de mim aceita este anel. »

Dizendo isto, D. Gastão metteu no dedo de Pedrillo um bello rubim; e o deixou sahir sem lhe dizer couza alguma.

No mesmo momento em que o jovem amante era arrebatado de Saragoça, Isabel sahia tambem dessa cidade, acompanhada por seu pai, que a conduziu para o mesmo castello, em que mandara encarcerar D. Gastão. Elle a fez encarcerar numa das mais altas torres do castello, e deu-lhe uma velha para a servir. Da sua janella a menina via o jardim, e o filho do jardineiro, pobre rapaz, simples e doente, que com passos vacillantes regava os alegretes. Ella imaginou agitar o seu lenço, para atrair a atenção do mancebo, o qual viu o signal ; mas, não tendo nem força, nem vontade para lhe responder, voltou a cabeça.

(Continua.)

## VARIÉDADES

### O apostolado científico.

(Continuação do n.º 9.)

Não serei eu por certo que vos hei de responder, perguntai ao cysne rei da poe-

sia, e esse mancebo poeta, esse Alvarés de Azevedo responder-vos-há como um propheta.

« Não é vossa ~~essa~~ missão politica — exactamente ao menos. Mas o que é a philosophia senão a luz, a luz que com o olhar de Deus se abre sobre o mundo inteiro ? o que é a luz senão o progresso, o que é o progresso scientifico senão o progresso político, o que é a causa sem o efecto, e o que é o progresso senão o sanear da grande febre que afama a humana-dade ? »

Eis como exprime-se aquelle para quem Jorge Sand é um herói e Bocage um sem-deus, eis como arenga aquelle, cujas phrases são as tumbas da eloquencia, por tanto sejamos os sacerdotes dessa nova crença ou antes continuemos a honrar as galérias do martyrio ; porque na expressão de Rebello da Silva, a historia da intelligencia e do progresso é a historia do martyrio ; e portanto a gloria de ser uma raça inteira a acclamar o nome daquelle, que grangea nossos louvores, é muito mais grandiosa do que os triumphos que Roma concedia áquelles que havião em o furor destruidor, e em sua missão de algozes, derrubado reinos e saqueado cidades ; por isso abraçámos esse madeiro, que se chama a sciencia, e encaminhando-nos o seculo recebendo novas luces, progredira à cada passo da sciencia, e nós cumpriremos paulatinamente o encargo de apostolos da religião literaria.

Erguer sua voz acima da orbita, que estipula um lugar a cada individuo, seria ousadia que o estacionalismo castigaria ; porém julgar-se-há um desejo vehementissimo de comunicar aos seus iguaes aquillo que se acha recondito ; por isso Danthe Aligheri proscripto de Florença, só leva consigo os instrumentos que o tornavão saliente perante seus concidadãos : a espada que comprou as grinaldas de Campoldino e a pena sublime que conceberá tantas estrophes, e que reproduzira o pensamento ardente de ver no throno italico um descendente dos Cezares ; por isso Assian triplice retrato que accumula sob um ente triplice anadema de vate, rei e ancião, sentado sobre os sarcophagos dos reis de Monen seus pais;

contra as expedições dos Clares da Inistora e Tura, ou passeando pelas galerias desertas dos paços reaes de Selma, onde impera a solidão, canta como Homero as aventuras dos paladinos de Fingal e Oscar ; por isso o suicidio de Chatterton, e cadafalso de Chernier, e o amante de Leonor, o homem vate mesmo morto recebe das mãos da humanidade a coroa de louros nos cenaculos do capitolio, e o excelente Tasso ganhando o renome, são os altos monumentos de que se esses homens não elevassem sua voz ficarião esquecidos no soido humano, e se alguns forão infelizes quem nelles padeceu foi apenas o homem, e quem nelles eternisou-se foi o genio ; porém que importa o sofrimento e a cicatriz se mais ao longe encontra-se o prazer e o balsamo.

E' nas idéas que existe a base de todos esses theoremas, que se espargem diffusamente pela plenitude do globo. E' na moral que se basea o homem, é na religião, que fornece luz e progresso que se firma a sociedade ; pôde-se incontestavelmente afirmar que todo e qualquer edifício sem base, e que todo e qualquer facto sem o subjectivo, são novecentas chimeras, que não resistem ao bistoril hypercritico do raciocínio. Funde-se embora entre esses crâneos escaldados essas utopias, que franqueando aos olhos attonitos do povo safaro esses esmaltaos prados, onde só florescem esses vergeis alimentados pelo fogo do imaginar ; só patenteão illusões, espalhe-se que não é na religião que temos appoio, diga-se que a moral é um vicio ; porque encontrar-se-há os varões os mais ardegos que proclamarão a verdade, e gladios sopezantes que despedaçarão a mentira.

MARQUES ANTONIO MAJOR.  
(Continua.)

### Abandono, desesperação e terror de Néró.

Traduzido livremente do francez de Lagourée.

Meu throno jaz por terra, do Universo inteiro sou expellido, levando comigo por toda a parte o odio de todos os viventes... Se fosse possível ignorar-se o lugar em que

me acoite, mas como poderei haver esta esperança? não ter por palacios, senão cavernas horrorosas, não possuir outra corte que não seja o silencio do tumulo e ter sempre a vista o seu medonho espectro! Ah! este viver é horivel e igual ao passamento.

Onde me acho? não será tudo isto um sonho pavoroso.. mas não, não é sonho. Uma voz occulta diz incessantemente ao meu coração palpitar: assassino, perjuro... é verdade eu o sou...

Mas que gritos! que lugubres vozes!.. um suor frio parecido com o da morte percorre todas as minhas veias.. Será engano meu? julgo estar vendo as minhas victimas... Sim, eu as vejo! Ei-las!.. do fundo dos negros abyssos vomitão contra mim fantasmas sanguinolentas que penetrão no interior de meu corpo archotes de envoltos com serpentes. Não posso subtrahir-me a esta cohorte furiosa... Parai. Que vejo, és tu, virtuosa Ocatavia? Volta-te contra Néro com justissimo ressentimento: que vens annunciar-me? Ah! já sei... a minha morte! Tu decretas-m'a hoje, como eu t'a decretei outr'ora! Quem mais é que vejo? grandes Deoses! Agripinna! Todos os mortos sahem hoje dos sepulchros, clamando a uma voz assassino! assassino! que suppicio será comparado a este que soffro? Contra mim o mundo em peso grita vingança e o proprio tumulo quebra seu silencio! do seu seio surge uma voz lugubre que me chama. Não ha que duvidar, a morte, a morte que me aguarda! e como poderei supportar este terrivel transe.

JOSÉ ANTONIO FERNANDES DA FONSECA.

### Peregrina (1)

(FOLHA SOLTÀ.)

Com a nuvem no céo se dispersa!  
Assim tu, me fugistes oh! visão!

Talvez não penses, Peregrina, que nesse curto trajecto da barca, que nos conduzio a Netherby; podesses com tua belleza, despertar em meu peito, um sen-

timento, doce e profundo como o suave aroma da mimosa violeta!...

Talvez não penses, que esse sentimento leve e doce, como a suave brisa da tarde, em breve se tornou ardente, como o sol de primavera!...

Ah!... quanta dor!... quanto tormento viestes despertar em meu coração!...

Peregrina, para que me aparecestes, se jâmais podias pertencer-me, por ventura, um peito de anjo, pôde occultar um coração de marmore?...

Para que não me embalastes, um momento sequer!... para que tão cedo rasgastes esse véu, que escondia a frieza de meu coração!... nem um leve sorriso, assomou a teus labios, para dar uma esperança a meu coração, que como o nauta, esperava ancioso, um só signal de approvação!...

Mulher formosa!... tua imagem gravou-se em minha mente, para não se apagar, senão quando o frio da morte, me arrastar ao tumulo!.....

Mas a lembrança de morrer sem possoirte, é bem cruel!...

Peregrina, quem és tu, que ousas desprezar um amor tão puro! que direito tens sobre mim, para roubar a tranquillidade de meu coração!... onde te escondes a meus olhos que procurão em tudo divisar tua imagem!... na mais leve bulha da subtil ave, no mais leve crepitár, da folha, que se desprende do ramo, eu estremeço, parecendo-me nelles ouvir tuas leves pisadas!...

Ah! não respondes, não tens um suspiro, para dar em troca, dos meus gemidos!... não tens sequer um olhar de desprezo, para lançal-o, ao triste que te adora, como adora a seus pais!...

Talvez, Peregrina, perdoa ao triste!... não te offendas, com o delyrio de uma mente apaixonada, perdoa a quem te ousou amar, quando talvez, nem nelle, tivesses reparado:

Escuta mais um momento Peregrina, quando desembarcastes, e te sumistes, a meus olhos que só procuravão tua imagem! parecia-me ter perdido a razão; corri em tua procura, divaguei esquecido, que talvez já estivesses, a sombra do teu

lar, sem lembrares-te, daquelle que perguntava, a tudo que via, quem éras!... então sobresaltava-me, e perguntava a mim mesmo, se sonhava!...

A' realidade Peregrina, devia aparecer para cumulo de meu tormento; as obrigações chamavão-me ao dever, forçoso era voltar: assim o fiz.

. . . . .  
Sabes quanto tenho soffrido, desde esse momento, que como uma visão desapareces-tes a meus olhos?... tenho soffrido muito Peregrina!.. em tudo procuro divisar tua imagem, debil e pallida, como a flôr que solitaria, fenece, erma, n'um sombrio deserto!...

Peregrina, lançai ao menos, um olhar indiferente sobre estas palavras, que são os gemidos de minha alma!

T. LEONARDO.

### CHRONICA TEATRAL

A sociedade *Recreio Artístico* deu a sua primeira recita no theatro de S. Januário no dia 22 do corrente, levando á scena o drama *Pedro Landais ou o alfaiate ministro*, a scena comica *Viva o circo Grande Oceano* e a comedie *Por causa de um algarismo*.

A's oito horas foi levantado o panno: os camarotes forão todos ocupados por familias honestas, aonde se vião elegantes damas vestidas com esmero, e muitas notaveis por sua belleza, que muita honra fazião à sociedade; esta de sua parte esmerou-se pelo brillantismo e boa ordem que reinou em todo o spectaculo.

Em quanto ao desempenho do drama, quizerão-nos fazer acreditar que não vamos para a estação calmosa, menos o Sr. Loureiro que fez a parte de mestre Cosquer, porque no prologo appareceu com os pés descalços, o que talvez o levasse a cahir mais no agrado dos espectadores.

Os Srs. Martins, Gomes, Pitta e Terraço andarão com alguma animação, e attendendo ser a primeira vez que representarão, andarão sofrivelmente.

(1) Peregrina, assim chamo, a mulher a quem me dirijo.

Por diversas vezes os Srs. Martins, Gomes, Loureiro, e a Sra. D. Josephina foram applaudidos. Desempenharão as partes conforme as suas forças, apesar de que o drama não apresentou o apparato que era de esperar, o que nos levou a acreditar que teríam outra ovação se a escolha do drama fosse melhor.

O Sr. Eugenio na scena comica *Vida o circo Grande Oceano*, andou magnificamente, o rival do nosso actor Vasques foi applaudido com entusiasmo geral, e chamado mais que uma vez à scena. As ovações que lhe prodigalizáram foram sinceras e elle se tornou digno e merecedor delas.

Na comedia, o Sr. Loureiro principiou bem, porém acabou exagerando muito o seu papel, todas as mais partes foram bem desempenhadas, e folgamos de ver na Sra. D. Candida o interesse que toma pelo seu adiantamento na arte dramatica, do que deixa prova no bom desempenho do papel que lhe tocou.

Desejamos de intimo d'alma, o adiantamento desta nascente sociedade, para cujo engrandecimento e prosperidade não cessou de trabalhar o seu muito digno presidente o Ilm. Sr. Ramos.

## POESIAS

### Quem és tu.

Ao Ilm. Sr. F. Leonardo.

Quem és tu que tambem como eu  
Procuras-te no mundo um amor ? !  
Quem és tu que libaste a taça,  
Que continha o veneno e a dor ? !

Quem és tu que comigo lamentas  
Esta sorte mesquinha e cruel ? !  
Quem és tu que sonhavas venturas  
No correr de uma vida de fel ? !

Quem és tu oh ! gentil trovador  
Que um anjo trahio-te bem cedo ? !  
Quem és que suspiras, e choras  
Como eu em profundo segredo ? !

Quem és tu que tu' alma entregas-te  
A um anjo, demonio, ou mulher ? !  
Quem és tu que perdes-te as crenças  
Que nenhuma te resta sequer ?

Quem és tu qui'nda hoje te lembras  
Desse ente que a fé te roubou ? !  
Quem és tu que bradas-te—piedade,  
E no mundo ninguem te escutou ? !

Quem és tu ? infeliz, como eu ?  
Como eu que só vivo a penar ?  
Com eu tu esperas a campa  
Para nella esta dór abafar ? ?

Como eu, nada esperas no mundo  
Qué fazemos nós ambos aqui ? !  
Neste mundo vida me atterra  
Venha a morte, demais já vivi !

JOSEPHINA R. L. PITANGA.

### Agora.

Por que quando fallei-te  
Desta chamma que sentias,  
Tu virando o lindo rosto  
Só sorrias ?

Porque naquella tarde  
Quando a flor deite sentido,  
Tu pulando encantadora  
Não deste-me ouvido ?

Por que quando sentado  
Lá na frondosa mangueira,  
Eu pegando em tua mão  
Tu fugistes faceira ?

Lembra quando comigo  
Fallava daquelle sonho,  
E tu, meu anjo, mudastes  
O teu rosto risonho ?

Quantas vezes do jambeiro  
A sombra, triste chorei !  
E nem dos plumeos cantores  
Uma saudade achei.

E nem as montanhas despidas  
Em que chorei triste orfandade ?  
E nem os pampeiros do sul  
Te levarão agra saudade ?

Deixei os festins, as gallas,  
Noites de estrellas serenas ;  
E para que tanto soffri  
Se a vida é sopro apenas ?

Foi por ti, foi só por ti  
Que eu senti tanto fervor,  
E nem um só tu me destes  
Em troca de tanto amor.

Porque quando fallei-te  
D'esta chamma que sentias  
Tu virando o lindo rosto  
Só sorrias ?

Triste já vens abatida  
Qual flor que cedo murchou ;  
Agora já tens saudades  
Do tempo que já passou ?

Agora nem uma endeixa,  
Nem ouvirei uma queixa  
De saudade ou desvário ;  
E pena que eu já sentisse,  
Tanta saudade natrisse  
Em treca d'amor tardio.

Agora despresado hei,  
As chamas que te votei,  
Não lhes darei mais ouvidos  
Os tempos já se passarão,  
As flores no chão seccarão,  
Já d'amar durmo exhaustido.

Agora só espero o leito,  
Onde já meu frio peito  
Vá pôr termo ao seu soffrir ;  
O que espera um triste ente,  
Que andou no mundo descrente ?  
Assim descrente morrer.

CARLOS DE GUSMÃO.

### Charada.

Sou astro por Deos criado  
No gaião sou encontrado  
CONCEITO.

Na paz e na guerra  
Serei sempre encontrado,  
Buscando defender  
O que foi por mim jurado.

R. SENAGO.

### Anedocta.

Certo peralvilho muito encaracolado tinha por costume, quando se ia deitar, pôr em sua frente um toucador: perguntando-lhe um amigo porque o fazia, respondeu ingenuamente: *Foi para ver a minha cara quando estivesse dormindo*.

Typ. e Lit. Economica, rua dos Latoeiros n. 34.